



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS - INGLÊS

SABRINA MEDEIROS DE FARIAS MARQUES

ASPECTOS TRANSCENDENTALISTAS NA OBRA *INTO THE WILD*

CAMPINA GRANDE - PB
NOVEMBRO 2018

SABRINA MEDEIROS DE FARIAS MARQUES

ASPECTOS TRANSCENDENTALISTAS NA OBRA *INTO THE WILD*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras Inglesas, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de curso superior em Licenciatura em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura
Sub-área: Literatura Comparada

Orientadora: Prof. Ma. Iá Niani Belo Maia

CAMPINA GRANDE - PB
NOVEMBRO 2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M357a Marques, Sabrina Medeiros de Farias.
Aspectos transcendentalistas na obra *Into the wild*
[manuscrito] / Sabrina Medeiros de Farias Marques. - 2018.
31 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Iá Niani Belo Maia, Coordenação
do Curso de Letras Inglês - CEDUC."
1. Análise literária. 2. Filosofia transcendentalista. 3.
Movimento transcendentalista. I. Título
21. ed. CDD 801.95

SABRINA MEDEIROS DE FARIAS MARQUES

ASPECTOS TRANSCENDENTALISTAS NA OBRA *INTO THE WILD*

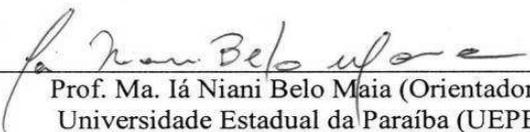
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras Inglesas, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de curso superior em Licenciatura em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura
Sub-área: Literatura Comparada

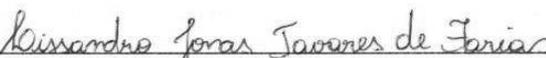
Orientadora: Prof. Ma. Iá Niani Belo Maia

Aprovada em: 28/11/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Iá Niani Belo Maia (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) NOTA 10,0



Prof. Lissandro Jonas Tavares de Farias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) NOTA 10,0



Prof. Me. Valécio Irineu Barros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) NOTA 10,0

“To the desert go prophets and hermits; through deserts go pilgrims and exiles. Here the leaders of the great religions have sought the therapeutic and spiritual values of retreat, not to escape but to find reality.” (SHEPARD, 1967)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos os professores e profissionais da UEPB, que tanto fizeram parte das minhas manhãs e noites durante os últimos anos.

Posso dizer que o tempo em que estudei nesta instituição significou um enorme crescimento pessoal em minha vida, tanto pela formação na prática da docência quanto em termos de adquirir responsabilidades e lidar, de fato, com elas.

Agradeço ao programa do curso por ter me posto em contato com tantas obras e movimentos literários, que tanto me enriqueceram e nos quais me vi refletida. Agradeço, especialmente, à Emerson e Thoreau – escolhidos por mim para protagonizarem este trabalho – por terem me reapercebido à espiritualidade que estava adormecida dentro de mim.

Agradeço à professora Iá Niani, que me aceitou como orientanda mesmo diante de um prazo curto.

Agradeço à minha família, pelas caronas à UEPB e pela motivação diária, e especialmente ao meu pai, Dênis Marques, que se empenhou ao máximo para me ajudar no processo de ingresso à esta graduação.

Agradeço ao meu cachorro e amigo Dexter Dilan Dog que – com sua personalidade peculiar e o seu amor infinito – me fez rir durante momentos intensos de fim de período.

Agradeço ao meu companheiro e melhor amigo, Joselito Lucena, que me ajudou em tantos aspectos – os quais passaria dias listando – e acreditou no meu potencial para concluir este trabalho, mesmo quando a desistência me pareceu uma opção.

Por fim, agradeço e dedico este trabalho à minha filha Lídice, que com seus chutes e cambalhotas, me manteve acordada e bem-humorada durante as madrugadas de produção deste trabalho.

SUMÁRIO

A presença da filosofia transcendentalista em obra literárias.....	6
1 Pilares do pensamento transcendentalista e contextualização das obras.....	7
1.1. Bases filosóficas do Transcendentalismo.....	7
1.2 Thoreau e as ideias difundidas em <i>Walden</i> e <i>Civil Disobedience</i>	10
1.3 <i>Into The Wild</i>	11
2 Ferramentas utilizadas durante a correlação entre <i>Into The Wild</i> e o Movimento Transcendentalista.....	14
2.1 Estruturação da pesquisa e estudos anteriores.....	14
2.2 As obras transcendentalistas e a influência destas sob a vida de C. McCandless.	15
Considerações finais.....	25
Referências.....	28

RESUMO

O presente artigo pretende relacionar os aspectos filosóficos difundidos pelo movimento transcendentalista norte-americano à obra *Into The Wild* (1996) – do autor Jon Krakauer – e, conseqüentemente, à história de vida de Christopher Johnson McCandless, personagem não fictício e protagonista do livro de Krakauer. Como ponto de partida, iniciaremos uma discussão sobre a filosofia transcendentalista e sobre as principais obras e autores do movimento – responsáveis por desenvolver e disseminar os princípios desta filosofia – sendo eles o escritor Ralph Waldo Emerson (1803-1882), através dos ensaios *Nature* (1836) e *Self-Reliance* (1841) e seu pupilo Henry David Thoreau (1817-1862), através das obras *Walden; Or, Life in The Woods* (1854) e *Civil Disobedience* (1849). Através da investigação destas obras, esse estudo objetiva identificar padrões transcendentalistas nas ações de Christopher McCandless, correlacionando-as a variados elementos transcendentais desenvolvidos por Emerson e Thoreau.

Palavras-chave: Transcendentalismo. Emerson. Thoreau. Krakauer. Into the Wild.

A presença da filosofia transcendentalista em obra literárias

Constantemente nos deparamos – seja em romances, artigos, crônicas, textos jornalísticos e outros gêneros textuais – com as mais diversificadas correntes filosóficas, naturalmente encontradas nas narrativas e entrelinhas destas literaturas. Essa associação entre filosofia e obra possibilita o julgamento subjetivo do leitor, que se sente mais atraído pelos livros com os quais mais se identifica, filosófica ou politicamente.

É desse modo que a afinidade literária se revela, uma vez que ao se identificar com determinada obra, o leitor estabelece um diálogo indireto com o texto, correlacionando aspectos filosóficos em comum entre a narrativa e o seu receptor. Tais influências literárias também se manifestam entre obras e autores, sendo frequente a realização de estudos que buscam comparar o conteúdo intrínseco em comum entre obras e correntes filosóficas. Dessa forma, o presente estudo busca, através da literatura comparada, apontar os aspectos da filosofia transcendentalista presentes na obra *Into The Wild* (1996).

O livro em questão, de tradução brasileira *Na Natureza Selvagem*, narra a história verídica do norte-americano Christopher Johnson McCandless (1968 – 1992), um jovem viajante que, buscando evoluir espiritualmente, iniciou uma peregrinação solitária em direção ao Oeste dos Estados Unidos no ano de 1990. A jornada – que durou dois anos –

foi incorporada ao universo literário através da publicação do livro *Into The Wild* em 1996, tendo sido narrada pelo escritor, jornalista, ambientalista e alpinista Jon Krakauer.

A obra de Krakauer, por sua vez, revelou uma forte ligação entre o seu protagonista e os ideais propagados pelo movimento transcendentalista norte-americano, especialmente sintetizados nas obras de Thoreau – em *Walden, Or; Life in The Woods* (1854) e *Civil Disobedience* (1854) – e de Emerson – em *Self-Reliance* (1841) e *Nature* (1836). Esta influência, além de ter sido diretamente mencionada por Krakauer, também é demonstrada de forma indireta na narrativa de *Into The Wild* e nos episódios biográficos que a obra traz.

Por fim, a relação abordada nesta pesquisa – entre obra e filosofia – será analisada através de comparações e investigações entre as literaturas mencionadas. Dessa forma, tal relação – configurada como pauta central do projeto – será desenvolvida de modo a atestar os elementos transcendentalistas que influenciaram as decisões e a conduta de Christopher McCandless frente à sociedade norte-americana.

1 Pilares do pensamento transcendentalista e contextualização das obras

1.1. Bases filosóficas do Transcendentalismo

O Transcendentalismo foi um movimento de difícil classificação no que diz respeito à natureza dos ideais que propagava, uma vez que essa corrente de pensamento não se restringe a um campo determinado, mas abarca vários deles, simultaneamente. Logo, compreender a característica eclética do Transcendentalismo é o ponto de partida para que haja uma iniciação apropriada às definições e deliberações sobre o movimento.

O ecletismo citado, no entanto, não funcionava de modo separatista, a dividir os conteúdos e temáticas discutidos e trabalhados no movimento, pelo contrário, atuava de modo holístico, tentando compreender os fenômenos sociais em sua totalidade, englobando tanto análises políticas, éticas e econômicas, quanto análises filosóficas, teológicas, artísticas e espirituais.

Tais análises e discussões foram majoritariamente propagadas ao mundo através da literatura, fazendo com que o movimento fosse predominantemente conhecido como um movimento filosófico-literário. Essas manifestações literárias tiveram início no

período da Renascença Americana¹, e suas formas variavam entre romances, contos, ensaios políticos, palestras, poemas e outras manifestações artísticas, as quais tinham o objetivo comum de analisar a situação intelectual, moral, social, política e religiosa dos Estados Unidos da época.

Tais manifestações compuseram parte da literatura renascentista americana, dentre elas as obras *The Scarlet Letter* (1850) e *The House of Seven Gables* (1851), de Nathaniel Hawthorne; *Moby-Dick* (1851), de Herman Melville; *Leaves of Grass* (1855), de Walt Whitman, e, por fim, as obras que se tornariam precursoras do movimento transcendentalista norte-americano: *Nature* (1836), *Self-Reliance* (1841) e *Representative Men* (1850), de Ralph Waldo Emerson; e *Civil Disobedience* (1849) e *Walden* (1854) de Henry David Thoreau.

O movimento transcendentalista norte-americano, portanto, tomou como bases iniciais os novos ideais culturais dos Estados Unidos, que englobavam a retomada do espírito nacionalista e a busca pela independência intelectual e cultural do país, o qual se encontrava imerso na evolução industrial da época e, dessa forma, afastado de suas verdadeiras raízes morais – que englobavam, sobretudo, o espírito de liberdade do povo americano (COSTA, 2015).

A solidificação do Transcendentalismo se pauta em novas ideias culturais norte-americanos em conjunto com as influências da filosofia difundida por Immanuel Kant². O filósofo defendia a intuição humana como grande fonte de conhecimento e sabedoria, exaltando o indivíduo nas relações com a natureza e a sociedade. O alvo de sua crítica era o racionalismo de John Locke³, cujos princípios tinham base no empirismo e na negação da intuição.

O movimento transcendentalista teve como pioneiro o escritor, filósofo e poeta Ralph Waldo Emerson, ex-ministro religioso e notável ensaísta político. Sua influência na introdução do Transcendentalismo nos Estados Unidos da América se deu após a publicação do ensaio político *Nature* (1836), obra que veio a ser considerada como o

¹A Renascença Americana – em inglês, *American Renaissance* – foi um movimento literário vigente entre 1830 e 1865. O movimento reivindicou a volta do espírito nacional americano, defendendo uma completa revolução cultural na América.

²Immanuel Kant foi um filósofo prussiano do século XVIII que promoveu a discussão entre o racionalismo de René Descartes e o empirismo de David Hume, discussão essa que pode ser encontrada em sua obra *Crítica da Razão Pura* (1781) – em alemão, *Kritik der reinen Vernunft*.

³John Locke (1632-1704) foi um filósofo político nascido na Inglaterra e considerado pai do empirismo britânico.

manifesto do movimento transcendentalista, atribuindo a Emerson o título de fundador do movimento.

Em *Nature* (1836), Emerson traz a ideia de que o indivíduo deveria abandonar influências morais encorajadas pelo meio em que vive e começar a olhar para o mundo com “olhos virgens” (NICHOLS, 2006, p.8), isto é, completamente livre de pré-julgamentos. Dessa forma, o sujeito estaria caminhando para o ato transcendental de descobrimento do verdadeiro eu⁴, para que assim pudesse alcançar uma independência social legítima.

Além disso, a obra defende um conceito panteísta de mundo, ou seja, a crença de que o Universo e Deus são sinônimos e que tudo e todos são partes constituintes de um Deus holístico, que teria a natureza como parte integrante Dele. A natureza, de acordo com o ensaio, teria o poder de regenerar o homem sem que este precisasse recorrer a instituições religiosas e outras tradições dogmáticas enraizadas na sociedade norte-americana da época, que possuía bases puritanas e havia perdido contato com elementos filosóficos necessários às doutrinas espirituais. O Transcendentalismo revive, dessa forma, elementos oriundos da filosofia oriental, como os difundidos pelas escrituras Upanishads e pelo Hinduísmo⁵, os quais foram indiretamente e diretamente discutidos em *Nature* e em outros ensaios de Emerson.

Além da influência oriental, os transcendentalistas também tiveram uma grande influência do Unitarianismo⁶, que criticava – com base nos estudos dos textos sagrados cristãos – a dinâmica hierárquica do cristianismo convencional e a ideia calvinista de um Deus divino porém monárquico, separado do homem. Os Unitarianistas defendiam, portanto, a unidade entre homem e Deus, e enxergavam Jesus não como uma divindade, mas como um líder filosófico, perspectivas que denunciaram o contraste entre as reais filosofias cristãs e os costumes puramente dogmáticos adotados pelas instituições religiosas da época.

Além disso, o Unitarianismo influenciou o movimento transcendentalista no que diz respeito às crenças relacionadas à natureza e ao indivíduo, uma vez que a corrente teológica defendia a santidade da natureza e o caráter holístico das religiões – a verdade

⁴Em inglês, *True Self*: conceito desenvolvido por Emerson em algumas de suas obras, sendo predominantemente explorado em *Self-Reliance* (1841).

⁵O Hinduísmo é uma filosofia indiana descrita como um estado de espírito, o qual é desprovido de crenças teológicas e de venerações eclesiais.

⁶Unitarianismo Universalista – que difere do Unitarianismo Bíblico - foi uma corrente religiosa de pensamento que surgiu como forma de revolta ao Calvinismo – corrente teológica que defendia a existência de um destino pré-definido à todos os homens, isto é, a não liberdade destes para com o futuro.

e o conhecimento estariam presentes em todas as crenças, cada uma à sua maneira. A corrente propagava, além de todas estas características, ideias de glorificação e celebração do indivíduo, que estaria inclinado ao divino, ou seja, seria naturalmente bom - ideia contrária ao conceito calvinista do pecado original, que vê o homem como moralmente corrompido.

Emerson, portanto, trouxe consigo inúmeras bases filosóficas que serviriam de inspirações ao futuro do movimento transcendentalista – que, ao passar dos anos, agregou pensadores e autores que se sentiram atraídos ideologicamente à filosofia e aos objetivos do movimento. Dentre eles, destaca-se o transcendentalista e principal pupilo de Emerson; Henry David Thoreau, que trouxe em suas obras discussões vitais ao processo analítico deste trabalho.

1.2 Thoreau e as ideias difundidas em *Walden* e *Civil Disobedience*

Henry David Thoreau foi um escritor, filósofo, naturalista e poeta natural de Concord, Massachusetts, EUA, tendo nascido em julho de 1817. Sua formação acadêmica consiste na graduação em Literatura Clássica e Línguas pela Universidade de Harvard no ano de 1837, mesmo ano em que teve o primeiro contato com o artigo transcendentalista *Nature*, do autor R. W. Emerson, com quem Thoreau iniciou uma grande amizade.

Esse encontro introduziu Thoreau aos ensinamentos e discussões propostas por Emerson, o que o inspirou a pôr em prática os ideais defendidos em *Nature* e em outras obras transcendentalistas. Dessa forma, Thoreau iniciou uma experimentação filosófica que consistiu no seu auto isolamento em *Walden Pond*⁷, onde viveu de modo autônomo e independente durante dois anos. Período que, por sua vez, serviu de inspiração no processo de escrita de suas duas mais notáveis obras: o livro *Walden; or Life in The Woods* e o ensaio *Civil Disobedience*.

Walden; or Life in The Woods é uma obra autobiográfica baseada nas experiências e pensamentos de H. D. Thoreau durante seu período de vivência em *Walden Pond*. A obra, narrada em primeira pessoa, aborda desde atividades rotineiras até reflexões político-filosóficas, observações de fauna e flora locais e cálculos econômicos. Dessa forma, a obra pode ser vista, simultaneamente, como uma declaração de independência

⁷Reserva florestal localizada em Concord, Massachusetts, nos Estados Unidos.

peçoal, um ensaio político, um estudo econômico e um manual para a autossuficiência na selva.

Civil Disobedience – obra originalmente publicada com o título de *Resistance to Civil Government* – por sua vez, tem caráter de ensaio político e trata principalmente da relação entre governo e indivíduo, abordando questões como liberdade religiosa e de pensamento, independência intelectual e autoritarismo. No ensaio, Thoreau encoraja a desobediência à lei do estado em casos de injustiça e discordância moral por parte dos indivíduos americanos, afirmando que “se a máquina governamental for de tal natureza que exija que você seja o agente de uma injustiça para outros, digo, então, que se transgrida a lei” (THOREAU, 1854, p.7). O ensaio, portanto, foi associado ao anarcoindividualismo⁸, trazendo ainda ideais feministas, socialistas e abolicionistas⁹.

A filosofia difundida em ambas as obras sofreu grande resistência por parte do governo norte-americano, que sentiu sua autoridade sendo ameaçada pelo movimento. No entanto, tal resistência não impediu a propagação internacional dos pensamentos defendidos por Thoreau, vindo a servir de inspiração para grandes personalidades, como Mahatma Gandhi – em sua luta pacifista pela independência da Índia – e Martin Luther King, na batalha pelos direitos civis da comunidade negra do século XX.

Atualmente, o Transcendentalismo é lecionado na grande maioria das escolas norte-americanas e continua influenciando diversas pessoas ao redor do mundo, seja na luta pela aquisição de novos direitos, no engajamento às reformas políticas e educacionais ou, simplesmente, na adoção individual pelo estilo de vida defendido em *Walden* e *Civil Disobedience*.

Neste último caso, destaca-se o personagem não-fictício e figura central desta pesquisa; Christopher Johnson McCandless. O jovem – assim como Thoreau – buscou desvencilhar-se dos vícios de uma sociedade capitalista e conservadora através do auto isolamento e imersão na selva estadunidense, experiência que foi posteriormente relatada na obra *Into The Wild*, a qual explanaremos a seguir.

1.3 *Into The Wild*

⁸O anarquismo individualista – ou anarcoindividualismo – é uma corrente anarquista fundada por Max Stirner e defende que o indivíduo é seu próprio mestre – devendo, portanto, zelar pela própria vontade e pelos próprios interesses.

⁹O ensaio *Civil Disobedience* foi primeiramente publicado no ano de 1849, quando os Estados Unidos ainda era uma sociedade escravocrata e não havia concedido o direito social do voto feminino.

O livro *Into The Wild*, de autoria do escritor, jornalista e alpinista Jon Krakauer (1954-) foi publicado pela primeira vez em 1996 e conquistou, ao longo dos anos, grande prestígio no universo literário, tendo sido traduzido para mais de trinta línguas e impresso em mais de uma centena de edições e formatos (ZHUANG, 2009). A repercussão da obra se deu especialmente após o lançamento de sua versão cinematográfica, feito realizado pelo ator e diretor Sean Penn doze anos após a estreia do livro, em 2008.

Into The Wild narra a história verídica de Christopher Johnson McCandless (1968-1992), jovem que, após um trágico episódio de inanição ou envenenamento¹⁰, foi descoberto morto em locais remotos do Parque Nacional Denali, Alasca, em 1992. Seu corpo foi encontrado em estágios avançados de decomposição dentro do *Fairbanks City Transit System Bus 142*, ônibus que havia sido abandonado por uma empresa de construção nos anos 60. O caso foi divulgado nacionalmente e despertou a curiosidade de vários jornalistas e leitores, sendo inicialmente anunciado através da notícia de título: *Dying in the wild, a hiker recorded the terror*, pelo jornal americano *The New York Times* (1992).

O estudo foi impulsionado pela revista *Outside*, que contratou Jon Krakauer para que ele relatasse as circunstâncias da morte do jovem McCandless e os motivos que o influenciaram em sua jornada solitária ao monte Denali. A pesquisa de Krakauer a respeito do acontecimento resultou no artigo *Death of an Innocent: How Christopher McCandless lost his way in the wilds* (1993), o qual serviu de base para a produção e lançamento, finalmente, da obra *Into the Wild*, que foi ampliada em 224 páginas e publicada originalmente pela editora Villard.

McCandless foi um jovem americano nascido em 1968 em El Segundo, California, tendo sido criado, no entanto, em Annandale, Virginia, no Condado de Fairfax. Sua família, pertencente à classe média-alta estadunidense, garantiu uma vida estável e uma excelente base educacional para Christopher e sua irmã mais nova, Carine McCandless. No entanto, a boa condição financeira não garantiu a Christopher uma infância perfeita: o patriarca da família, Walt McCandless, era alcoólatra e autor de constantes episódios violentos contra a esposa e os filhos, acontecimentos devidamente relatados por Carine McCandless no livro *The Wild Truth*¹¹ (2014).

¹⁰De acordo com o autor Jon Krakauer, o estado de decomposição no qual McCandless foi encontrado impossibilitou a adoção de quaisquer conclusões – não se sabendo ao certo a causa de sua morte.

¹¹*The Wild Truth*, escrito por Carine McCandless, é um livro que traz a perspectiva familiar sobre a personalidade e as atitudes de Christopher enquanto criança e adolescente, trazendo uma melhor elucidação sobre quem Christopher McCandless era de fato.

Apesar da infância conturbada, McCandless demonstrou um ótimo desempenho escolar e artístico quando criança, tendo sido capitão do time de cross-country e integrante da banda de sua escola. Esse desempenho perdurou até a juventude, fazendo com que McCandless se graduasse em História e Antropologia pela Universidade de Emory, em maio de 1990, com apenas 22 anos de idade.

As expectativas familiares para com o futuro de Christopher McCandless incluíam a continuação da vida acadêmica e o ingresso em uma carreira prestigiosa e lucrativa. Após a graduação, no entanto, o jovem doou todo o dinheiro que havia economizado durante os anos vividos em Emory a uma instituição de caridade e cortou qualquer forma de comunicação com sua família, embarcando, sozinho, em uma jornada adentro dos Estados Unidos.

Ao longo de sua trajetória, Christopher passou por diversos estados, trabalhando em funções variadas – nas quais nunca se demorava. Decidiu não utilizar seu verdadeiro nome – no intuito de evitar um possível rastreamento por parte de seus familiares –, se apresentando às pessoas como “Alexander Supertramp”, ou simplesmente, “Alex”. Então, no decorrer de aproximadamente um ano e meio, McCandless preparou-se fisicamente e coletou informações que fossem importantes para a realização do seu maior objetivo e destino final: viver em completo isolamento no Parque Nacional Denali, no Alasca.

A decisão de viver de modo solitário e autossuficiente foi influenciada pelas frequentes leituras de Tolstói¹² e Thoreau – em obras que acompanharam Christopher durante sua peregrinação –, autores que argumentaram em favor da relação entre natureza e homem e o quão enriquecedor este contato é (talvez ainda mais enriquecedor que o contato com a sociedade).

Os ideais políticos, éticos, morais e espirituais do jovem – identificados em sua maior parte na filosofia transcendentalista – despertaram em Christopher uma urgência de ação, isto é, uma ruptura repentina no modo de vida que levava, o qual julgava ser conformista e insatisfatório. Dessa forma, a correlação entre o Transcendentalismo e a ruptura de Christopher para com o conforto de sua vida se faz clara, e é através desta correlação que a análise desta pesquisa é construída.

¹²Liev Nikoláievich Tolstói foi um escritor russo amplamente conhecido por obras como *Guerra e Paz* (1869) e *Anna Karenina* (1877), tendo sido considerado como um pacifista e anarquista cristão.

2 Ferramentas utilizadas durante a correlação entre *Into The Wild* e o Movimento Transcendentalista

2.1 Estruturação da pesquisa e estudos anteriores

Estudos e considerações sobre a filosofia transcendentalista de Thoreau e o alcance desta para com a sociedade e a literatura foram e continuam sendo realizados por pesquisadores de diversas áreas acadêmicas. A prática metodológica de comparar filosofias a obras e situações foi adotada, portanto, em diversos estudos – alguns deles tendo sido essenciais para produção deste trabalho.

Dentre esses estudos, destacamos alguns artigos científicos que correlacionam aspectos filosóficos do Transcendentalismo americano aos mais diversificados tópicos, como, por exemplo, ao do ambientalismo: abordado por René Eberle Rocha em seu artigo *Natureza e sociedade no pensamento de Thoreau: do transcendentalismo ao ambientalismo* (2018), publicado na Revista Espaço de Diálogo e Desconexão.

No artigo, Rocha fundamenta o naturalismo de Thoreau como influência ao movimento ambientalista emergido nos anos 60, explicitando a luz que o filósofo trouxe à causa do meio ambiente desde o século XIX. O autor, além disso, explana a correlação entre o ambiental e o social, fatores defendidos pelos ideais transcendentalistas como inevitavelmente e historicamente interligados – explanação que também pode ser encontrada em *American Transcendentalism and Deep Ecology in The History of Ideas* (1999), de Timothy D. Quick.

Jaime Becerra Costa (2015), outro teórico que contribuiu para elaboração desta pesquisa, traz reflexões acerca de *Life Without Principle* (1862), ensaio político escrito por H. D. Thoreau. Costa trouxe em sua pesquisa considerações que abordam a independência política e espiritual do indivíduo frente ao governo; o ato de enriquecimento espiritual através de meditações e contemplações da natureza e a correlação entre o empenho produtivo e o empenho espiritual – questões geralmente discutidas em muitas das obras de Thoreau e de outros autores transcendentalistas.

Em suma, os pesquisadores e artigos aqui mencionados contribuíram não somente com o conhecimento teórico e as discussões filosóficas levantadas em seus trabalhos, mas também com as ferramentas metodológicas com as quais organizaram e fundamentaram suas ideias – fatores que possibilitaram uma melhor organização estrutural e teórica deste projeto.

Este último busca, portanto, explicar a forma pela qual aspectos filosóficos são introduzidos em obras literárias, de modo direto e indireto, e explicitar tais aspectos por meio do estudo comparativo entre filosofia e obra – aqui, tomaremos como hipótese a existência de elementos filosóficos introduzidos no livro *Into The Wild*. Buscaremos, dessa forma, analisar a relação causal entre o Transcendentalismo e a obra de Jon Krakauer, de modo a identificar e apontar manifestações dessa filosofia dentro da obra *Into The Wild*, através de sua narrativa, diálogos e citações.

Os ideais transcendentalistas aqui analisados tiveram como fontes centrais os autores Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau, em suas obras *Nature* (1836) e *Self-Reliance* (1841); e *Walden* (1854) e *Civil Disobedience* (1849), respectivamente. Destas obras, retiramos dezessete trechos que melhor representaram os aspectos transcendentalistas à serem examinados e posteriormente comparados à obra *Into The Wild*. Desta última, foram selecionados oito trechos.

Os trechos relativos às obras foram selecionados de acordo com um critério de relevância que abrangeu questões transcendentalistas, tais quais: a relação entre sociedade e natureza e o caráter espiritual desta; a importância da percepção individual; o capitalismo como fator corruptor do homem e dos ideais americanos; o exercício da independência moral e política no governo autoritário e outros temas relacionados. A análise destes trechos, por sua vez, foi dividida em quatro seções – categorizadas por obra –, nas quais explanamos as formas pelas quais o Transcendentalismo americano e os ideais defendidos pelo movimento podem ser identificados na vida e nas atitudes do jovem McCandless.

2.2 As obras transcendentalistas e a influência destas sob a vida de C. McCandless.

Conforme descrito no item 2.1, esta seção é dividida em quatro partes, sendo elas:

- a) A peregrinação de Christopher à natureza e as questões espirituais contidas em *Nature*,
- b) O individualismo prático de *Self-Reliance*,
- c) *Walden* e
- d) A independência política exercida por McCandless e a relação desta com *Civil Disobedience*.

Em cada parte, analisamos trechos que melhor representaram os ideais transcendentalistas, comparando-os e correlacionando-os com os eventos biográficos da vida de Christopher McCandless, narrados na obra *Into The Wild*.

a) A peregrinação de Christopher à natureza e as questões espirituais contidas em *Nature*

Considerada como marco inicial do movimento transcendentalista, a obra de Emerson trouxe diversas reflexões sobre a relação da natureza para com Deus e com outras questões morais e espirituais. Segundo ele, os questionamentos humanos sobre o universo somente poderiam ser respondidos através da interação com a natureza. Neste sentido, o autor diz que “nossa era é retrospectiva (...) constrói sepulcros aos antepassados. Escreve biografias, histórias e crítica. As gerações anteriores olhavam Deus e a natureza cara a cara; nós o fazemos através dos olhos deles” (EMERSON, 1836, p.2). O homem não busca mais a natureza como seus antepassados faziam; ele já não chega às suas conclusões através de suas próprias experiências. O contato com a natureza é, portanto, indispensável. Esta seria, além disso, responsável pelo surgimento da linguagem – vista por Emerson como uma concessão aos humanos, para que estes pudessem refletir sobre a essência do universo.

Ainda de acordo com o autor, o isolamento na natureza seria a melhor forma de alcançar uma conexão genuína com Deus – que, para Emerson, seria parte integrante da natureza e não dependeria de instituições religiosas ou tradições para ensinar a verdade aos homens. Tal hipótese é defendida e argumentada pelo autor nas primeiras palavras de sua obra:

Nossa era é retrospectiva. Constrói sepulcros aos antepassados. Escreve biografias, histórias e crítica. As gerações anteriores olhavam Deus e a natureza cara a cara; nós o fazemos através dos olhos deles. Por que não desfrutaríamos também de uma relação original com o universo? Por que não haveríamos de ter uma poesia e uma filosofia que sejam fruto de nossa própria descoberta e não da tradição, e uma realidade que nos seja revelada, em lugar de ser a história daquela que foi revelada a eles?

Excerto retirado de *Nature* (EMERSON, 1836, p.6, tradução nossa¹³).

Aqui, Emerson critica a relação da modernidade para com Deus e a natureza, argumentando que nossos antepassados possuíam uma “relação original com o universo” e que assim como eles, a sociedade vigente deveria ser regida pelas próprias descobertas – exercendo uma independência espiritual e se libertando de dogmas religiosos.

¹³Our age is retrospective. It builds the sepulchres of the fathers. It writes biographies, histories, and criticism. The foregoing generations beheld God and nature face to face; we, through their eyes. Why should not we also enjoy an original relation to the universe? Why should not we have a poetry and philosophy of insight and not of tradition, and a religion by revelation to us, and not the history of theirs? [...]

Em sintonia com esse pensamento, apesar de ter tido acesso a várias literaturas e filósofos do passado, Christopher também adotou uma filosofia própria e independente, advinda de um *eu* interior – que exerceria a função de investigador do universo, se envolvendo com a experiência de isolamento e “olhando Deus cara a cara” (EMERSON, 1836).

Considerando os pensamentos naturalistas defendidos por Emerson, podemos entender melhor o “porquê” de Christopher ter escolhido a selva do Alasca como local de isolamento - e não outro qualquer. A natureza – historicamente ligada aos eremitas e aos sábios – era encarada pelo jovem americano não só como agradável aos olhos e aos pulmões, mas também como a cura dos vícios da sociedade e o ponto de encontro consigo mesmo. Essa conclusão é melhor explanada nos escritos do próprio Christopher:

Dois anos ele caminha pela terra. Sem telefone, sem piscina, sem animal de estimação, sem cigarros. Liberdade definitiva. Um extremista. Um viajante estético cujo lar é a estrada. Fugido de Atlanta, não retornará, porque "o Oeste é o melhor"¹⁴. E agora depois de dois anos errantes chega à última e maior aventura. A batalha final para matar o ser falso interior e concluir vitoriosamente a revolução espiritual. Dez dias e noites de trens de carga e pegando carona trazem-no ao grande e branco Norte. Para não mais ser envenenado pela civilização, ele foge e caminha sozinho sobre a terra para perder-se na natureza.

Excerto retirado do diário de Christopher McCandless, tradução de Pedro Maia Soares¹⁵.

No presente trecho, McCandless relata em seu diário os passos finais que tomou em direção ao Alasca, descrevendo-os com empolgação e transmitindo ao papel os sentimentos que tal aventura significava para si. O jovem, que enxergava a jornada como o estágio final de uma revolução espiritual, deixa claro o sentimento que tinha para com a civilização – a qual considerava venenosa e viciosa – e o desejo de afastar-se dela.

Além da fuga da sociedade, a imersão na natureza do Alasca também significou para Christopher o encontro com o “eu transcendental”, ou o “verdadeiro eu” – termo originalmente mencionado por Emerson como “*true-self*” - o que tornou tal imersão um evento não apenas ideológico e social, mas também espiritual.

¹⁴Referência à música *The End* - da banda estadunidense de rock-psicodélico *The Doors* – cuja letra contém a frase “The West is the best”.

¹⁵Two years he walks the Earth. No phone, no pool, no pets, no cigarettes. Ultimate freedom. An extremist. An aesthetic voyager whose home is the road. Escaped from Atlanta. Thou shalt not return, 'cause "the West is the best." And now after two rambling years comes the final and greatest adventure. The climactic battle to kill the false being within and victoriously conclude the spiritual revolution. Ten days and nights of freight trains and hitchhiking bring him to the great white north. No longer to be poisoned by civilization he flees, and walks alone upon the land to become lost in the wild.

É importante denotar, ainda, que a relação de Christopher com a natureza sempre se mostrou influente em sua personalidade. Na infância, já demonstrava sentir imensa curiosidade pela fauna e a flora do seu país, apontando à irmã os insetos, animais e plantas desconhecidos que aparecessem nas trilhas realizadas em família¹⁶ e plantando feijões e ervilhas no quintal de sua casa quando tinha apenas oito anos.

Por fim, tais fatos – relatados por Carine McCandless em *The Wild Truth* – atestam a admiração precoce de Christopher pela natureza e seus componentes, esclarecendo o modo com que o jovem foi iniciado a pensamentos e práticas naturalistas e apresentando a origem da futura relação entre a conduta de Christopher e os ideais transcendentalistas de *Nature*.

b) O individualismo prático de *Self-Reliance*.

Self-Reliance trata de questões intrínsecas à sociedade e ao indivíduo inserido nesta – de quem, automaticamente, o sistema espera contribuições para seu adequado funcionamento. O ensaio, além de descrever esse funcionamento – especialmente o dos Estados Unidos do século XIX – traz também informações sobre o comportamento psicológico do indivíduo frente ao sistema, especialmente no que diz respeito a pensamentos individuais, à autoconfiança e à convicção moral deste.

De acordo com o autor, a sociedade manipula os indivíduos quando os rotula como virtuosos, caso obedeçam a ela, ou imperfeitos, caso desviem do padrão social e prefiram apoiar princípios e condutas próprios. Este segundo comportamento, no qual o indivíduo faz o que o interessa em detrimento do que as pessoas pensam, é o que serviria como “uma completa distinção entre grandeza e mediocridade” (EMERSON, 1841, p. 5). A grandeza do ser se revelaria, portanto, na plenitude de viver conforme suas próprias vontades¹⁷, isto é, livre do peso dos julgamentos e das expectativas da sociedade.

Em outras palavras, a sociedade encorajaria a adoção de um roteiro – o qual todos os seus participantes deveriam seguir. O indivíduo dirigido por este roteiro deveria ser bem sucedido na vida acadêmica, ter um bom emprego, possuir propriedades, se adequar à religião dominante e ter uma boa reputação. Tais conjunturas proporcionariam ao

¹⁶Em *The Wild Truth*, Carine McCandless relata que sua família costumava fazer trilhas ao Parque Nacional de Shenandoah – local favorito de Christopher enquanto criança.

¹⁷Tais vontades deveriam, no entanto, ser guiadas por valores filosóficos e espirituais acessíveis através da relação respeitosa com a natureza, do autoconhecimento e do compromisso com a verdade.

homem uma vida segura e em conformidade com a sociedade, situação fundamentalmente contrariada por Christopher McCandless no seguinte trecho:

[...]Gostaria de repetir o conselho que lhe dei antes: acho que você deveria realmente promover uma mudança radical em seu estilo de vida e começar a fazer corajosamente coisas em que talvez nunca tenha pensado, ou que fosse hesitante demais para tentar. Tanta gente vive em circunstâncias infelizes e, contudo, não toma a iniciativa de mudar sua situação porque está condicionada a uma vida de segurança, conformismo e conservadorismo, tudo isso que parece dar paz de espírito, mas na realidade nada é mais maléfico para o espírito aventureiro do homem que um futuro seguro. [...]

Excerto retirado de uma carta de Christopher à Ronald Franz¹⁸, tradução de Pedro Maia Soares¹⁹.

No excerto acima, McCandless aconselha Franz a buscar a felicidade e abandonar a vida conservadora e conformista que levava, uma vez que acreditava que “nada pode trazer paz além de você mesmo e do triunfo de seus princípios” (EMERSON, 1841, p.21). Tal conselho foi baseado nas escolhas pessoais do próprio Christopher, que contrariou as expectativas sociais ao abandonar a civilização e os “confortos” desta. Com isso, o jovem pôs em prática os nada-fáceis princípios do homem autoconfiante (*self-reliant*) – sintetizados por Emerson e presentes no seguinte trecho:

[...] A sociedade é uma empresa de capital social cujos membros concordam em retirar a liberdade e cultura daquele que come, a fim de melhor garantir o pão de cada um de seus membros. A virtude mais requisitada é a conformidade, a submissão. A sociedade sente repulsa pela autoconfiança. Ela não ama realidades e nem criadores, mas sim, nomes e costumes.

Excerto retirado do ensaio *Self Reliance* (EMERSON, 1841, tradução nossa²⁰).

Segundo o autor, a autoconfiança geraria uma firmeza de posicionamento pessoal do indivíduo, que passaria a valorizar seus próprios pensamentos e a priorizar suas vontades em detrimento das vontades sociais. Tal indivíduo passaria da posição de criatura para a posição de criador, isto é, teria o poder sobre o próprio destino – contrariando, portanto, a uniformização social estruturada pela sociedade, a qual sente

¹⁸Nome fictício dado por Krakauer – tendo em vista a proteção da privacidade de seu verdadeiro detentor - à um dos amigos que Christopher fez durante sua jornada.

¹⁹[...] I'd like to repeat the advice I gave you before, in that I think you really should make a radical change in your lifestyle and begin to boldly do things which you may previously never have thought of doing, or been too hesitant to attempt. So many people live within unhappy circumstances and yet will not take the initiative to change their situation because they are conditioned to a life of security, conformity, and conservatism, all of which may appear to give one peace of mind, but in reality nothing is more damaging to the adventurous spirit within a man than a secure future. [...]

²⁰[...] Society is a joint-stock company, in which the members agree, for the better securing of his bread to each shareholder, to surrender the liberty and culture of the eater. The virtue in most request is conformity. Self-reliance is its aversion. It loves not realities and creators, but names and customs.

“repulsa pela autoconfiança” (EMERSON, 1841, p.3). Tal conduta é identificada nas ações de Christopher McCandless – descritas por Krakauer no seguinte trecho:

No verão de 1990, logo após formar-se, com distinção, na Universidade Emory, McCandless sumiu de vista. Mudou de nome, doou os 24 mil dólares que tinha de poupança a uma instituição de caridade, abandonou seu carro e a maioria de seus pertences, queimou todo o dinheiro que tinha na carteira. Inventou então uma vida nova para si, instalando-se na margem maltrapilha de nossa sociedade, perambulando pela América do Norte em busca de experiências cruas, transcendentais. [...]

Excerto correspondente à nota do autor, retirada do livro *Into The Wild* (KRAKAUER, 1996, tradução de Pedro Maia Soares²¹).

A nota do autor traz um breve resumo sobre as ações de Christopher após sua formação na Universidade de Emory. Tais ações necessitaram de uma grande convicção por parte do jovem, uma vez que elas contrariavam a vontade de seus familiares e as expectativas da sociedade de modo geral. O jovem, que se sentia descontente em levar uma vida convencional e premeditada, tomou a iniciativa de inventar uma nova vida para si – na qual fosse independente e livre de obrigações sociais – buscando um modo autossuficiente de se viver. O jovem, portanto, foi influenciado pela crença transcendentalista de que “o descontentamento é a falta da autossuficiência; é a debilidade da nossa vontade” (EMERSON, 1841, p.16).

Considerando as boas condições financeiras e o futuro promissor de Christopher, é de se esperar que sua peregrinação ao Alasca tenha sido má interpretada por aqueles que o conheciam. O jovem, no entanto, detinha o conhecimento de que “ser grande é ser mal compreendido” (EMERSON, 1841, p.7) e por isso não se sentiu atingido pelos julgamentos sociais. Sua peregrinação solitária ao Oeste se mostra, portanto, fundamentalmente interligada aos ideais defendidos em *Self-Reliance*, já que o jovem considerou valores individualistas como determinantes do seu futuro e recusou seguir scripts.

c) A aversão de Christopher ao capital e as questões sociais contidas em *Walden*

Walden; Or, Life In The Woods (1854) foi uma obra especialmente relacionada à personalidade de Christopher McCandless e aos pensamentos que o impulsionaram em

²¹Immediately after graduating, with honors, from Emory University in the summer of 1990, McCandless dropped out of sight. He changed his name, gave the entire balance of a twenty-four-thousand-dollar savings account to charity, abandoned his car and most of his possessions, burned all the cash in his wallet. And then he invented a new life for himself, taking up residence at the ragged margin of our society, wandering across North America in search of raw, transcendent experience. [...]

sua jornada. Podemos apontar isso, porque a obra foi encontrada junto aos restos mortais do jovem (KRAKAUER, 1996, p.36), possuindo vários grifos e anotações do mesmo – os quais tiveram grande importância na análise e compreensão dos motivos e ideais cultivados por Christopher em sua vida.

Na obra, Thoreau aborda inúmeros assuntos de seu interesse e vivência, interligando cada um deles a aspectos intrínsecos ao ser humano e à sociedade em geral. O autor discute, por exemplo, a relação entre o social e o ambiental, refletindo também sobre as angústias comuns à sociedade moderna. Segundo ele, estas seriam ocasionadas pela ganância do indivíduo e sua incansável busca por “melhores” condições de vida cada vez mais luxuosas e menos simplistas, situação substancialmente contrariada por Thoreau na seguinte passagem:

Por mais difícil que seja a sua vida, enfrente e viva a sua vida. Não fuja dela e não a xingue. Ame a sua vida por mais pobre que ela seja ou que ela lhe pareça. Até em um asilo o ser humano pode ter horas agradáveis, emocionantes e gloriosas. O sol poente banha as janelas de um hospício com o mesmo brilho que banha a mansão de um homem opulento. Na primavera, a neve derrete na sua porta e na porta de seus vizinhos e muitas vezes me parece que os pobres vivem suas vidas de uma forma muito mais independente do que os ricos, sendo simples o bastante para ter amigos sem desconfiar de suas intenções na amizade. [...]

Excerto retirado do livro *Walden; Ou, Vida nos Bosques* (THOREAU, 1854, p.25, tradução de Rodrigo Espinosa Cabral²²)

No trecho acima, o autor de *Walden* discursa sobre pobreza e riqueza e aconselha o leitor a amar sua vida “por mais pobre que ela seja ou lhe pareça”, defendendo a ideia de que até mesmo os lugares mais inóspitos podem oferecer momentos gloriosos àquele que não necessitar de muito, e que “a medida que ele simplificar sua vida, as leis do universo hão de lhe parecer menos complexas, e a solidão não será mais solidão, nem a pobreza será pobreza, nem a fraqueza, fraqueza” (THOREAU, 1854, p. 136). Tal perspectiva era um grande contraste em relação à sociedade capitalista em que vivia, a qual condicionava seus indivíduos a sentirem-se felizes e bem sucedidos somente através de aquisições materiais – concepção adotada pelos familiares de Christopher McCandless no que diz respeito à obtenção de propriedades, títulos, bens materiais secundários.

²²However mean your life is, meet it and live it; do not shun it and call it hard names. It is not so bad as you are. It looks poorest when you are richest. The fault-finder will find faults even in paradise. Love your life, poor as it is. You may perhaps have some pleasant, thrilling, glorious hours, even in a poor-house. The setting sun is reflected from the windows of the alms-house as brightly as from the rich man's abode; the snow melts before its door as early in the spring. I do not see but a quiet mind may live as contentedly there, and have as cheering thoughts, as in a palace. The town's poor seem to me often to live the most independent lives of any. May be they are simply great enough to receive without misgiving.

Em vários episódios de sua vida, no entanto, McCandless mostrou-se avesso ao capitalismo e consumismo enraizado na sociedade americana, sentindo-se muitas vezes contrariado pelo estilo de vida e poder aquisitivo de sua família, pertencente à classe média alta estadunidense – o patriarca da família, Walter McCandless, era engenheiro aeroespacial e trabalhava para a NASA, tendo fundado, além disso, um empreendimento de consultoria juntamente com sua esposa, Wilhelmina Johnson McCandless²³. A situação aquisitiva da família – e a opinião de Christopher – são vistas a seguir:

[...] Levaram os filhos à Europa, para esquiarem em Breckenridge, num cruzeiro pelo Caribe. E Chris, reconhece Billie, "ficava envergonhado com tudo aquilo". Seu filho, o adolescente tolstoiano, acreditava que a riqueza era vergonhosa, corruptora, essencialmente má [...]

Excerto de *Into The Wild* (KRAKAUER, 1996, p. 115, tradução de Pedro Maia Soares²⁴).

Na citação anterior, o escritor de *Into The Wild* traz memórias familiares compartilhadas por Wilhelmina McCandless, mãe de Christopher. Segundo ela, o filho mais novo sentia-se envergonhado pelos lares que a situação financeira de sua família lhe proporcionava, uma vez que enxergava a riqueza como fator corruptor do homem e defendia a ideia de que “você não deve possuir mais do que pode carregar nas costas numa corrida repentina” (KRAKAUER, 1996, p.21).

Sentia-se culpado, também, pela liberdade que sua família possuía em gastar dinheiro com coisas secundárias, enquanto a maior parte da população mundial sequer tinha o suficiente para suprir necessidades básicas (MCCANDLESS, 2014). O jovem acreditava na concepção transcendentalista de que “uma riqueza supérflua só vai comprar coisas supérfluas” (THOREAU, 1854, p.26), levantando constantes discussões sobre a inconsistência e a superficialidade das classes ricas, situação lembrada por sua mãe no excerto abaixo:

Em 1988, ao mesmo tempo em que aprofundava seu ressentimento em relação aos pais, crescia seu sentimento de revolta diante das injustiças do mundo. Naquele verão, lembra Billie, "Chris começou a se queixar de todos os garotos ricos de Emory". Frequentava cada vez mais cursos sobre questões sociais prementes como o racismo, a fome no mundo e as desigualdades na distribuição de renda. [...]

²³Mais conhecida como “Billie”.

²⁴[...] They took the kids to Europe, skiing in Breckenridge, on a Caribbean cruise. And Chris, Billie acknowledges, “was embarrassed by all that. Her son, the teenage Tolstoyan, believed that wealth was shameful, corrupting, inherently evil [...]

Excerto retirado do livro *Into The Wild*. (KRAKAUER, 1996, p.67, tradução de Pedro Maia Soares²⁵).

O trecho acima mostra as preocupações de Christopher para com as injustiças sociais, uma vez que ele estava sempre “a se queixar de todos os garotos ricos de Emory” e cada vez mais envolvido em discussões relativas às desigualdades sociais. Isso fez com que Christopher adotasse para si um estilo de vida em que consumisse apenas o necessário, uma vez que seguia o ideal transcendentalista de que “o dinheiro não faz falta nenhuma para as coisas que são necessárias à alma” (THOREAU, 1854, p.26).

O desapareço do jovem ao materialismo pode ser atestado, ainda, em inúmeros episódios biográficos relatados por Krakauer em *Into The Wild*. Dentre eles, destacam-se o abandono de seu automóvel na região de Detrital Wash – fato motivado por uma simples falha na bateria – e a destruição intencional de uma quantia de aproximadamente cento e vinte e três dólares, que foram incendiados por McCandless “em um gesto que faria ambos Thoreau e Tolstoy orgulhosos” (KRAKAUER, 1996, p. 29). Estes e outros episódios fizeram com que o protagonista de *Into The Wild* fosse reconhecido como um claro transcendentalista, já que vivia sob princípios simplistas e renegava situações ou bens materiais que enxergasse como sendo extravagâncias da sociedade de consumo.

d) A independência política exercida por McCandless e a relação desta com *Civil Disobedience*.

O ensaio político *Desobediência Civil*, assim como o livro *Walden* – ambos de autoria de Henry David Thoreau – foi mencionado por Krakauer em *Into The Wild* como sendo uma das grandes influências políticas para o protagonista de seu livro. O ensaio – que trata da relação entre as leis do estado e o pensamento crítico do indivíduo – foi considerado um marco político do século XIX, uma vez que trouxe reflexões morais e éticas sobre a obediência da sociedade frente às leis injustas.

A desobediência civil, por sua vez, estaria relacionada ao ato revolucionário de não cumprir regras que contrariassem questões morais e éticas – a lei e o Estado não deveriam ser superiores à justiça. Esta ideia é difundida por Thoreau quando este diz que

²⁵In 1988, as Chris’s resentment of his parents hardened, his sense of outrage over injustice in the world at large grew. That summer, Billie remembers, “Chris started complaining about all the rich kids at Emory.” More and more of the classes he took addressed such pressing social issues as racism and world hunger and inequities in the distribution of wealth.

“o respeito reverente pela lei tem levado até mesmo os bem-intencionados a agir quotidianamente como mensageiros da injustiça” (THOREAU, 1854, p.2), pensamento adotado por McCandless e mencionado por Krakauer no seguinte trecho:

Com a bateria arriada, não havia meio de fazer o Datsun andar. Se quisesse levar o carro de volta para uma estrada pavimentada, McCandless não tinha escolha senão caminhar até as autoridades e contar seu apuro. Mas se falasse com os guardas eles teriam algumas perguntas maçantes a fazer: por que tinha ignorado os avisos e entrado no leito seco? Sabia que a licença do veículo expirara havia dois anos e não fora renovada? Sabia que sua carteira de motorista também estava vencida e que o carro não tinha seguro obrigatório? [...] McCandless poderia esforçar-se para explicar que respondia a estatutos de uma ordem superior - que, como adepto moderno de Henry David Thoreau, tinha por evangelho o ensaio "A desobediência civil" e considerava, portanto, sua responsabilidade moral zombar das leis do Estado.

Excerto de *Into The Wild* (KRAKAUER, 1996, p.19, tradução de Pedro Maia Soares²⁶).

Acima, Krakauer relata o episódio biográfico no qual Christopher encontra-se em meio ao dilema de abandonar o Datsun²⁷ ou contatar as autoridades, e, portanto, lidar com as leis que havia transgredido. O jovem, que fez a primeira opção, foi retratado por Krauaker como um adepto moderno de Thoreau, uma vez que tomava como evangelho a desobediência civil passiva e acreditava na política transcendentalista, segundo a qual “o melhor governo é o que governa menos” (THOREAU, 1854, p.3). Tal aversão às regras imputadas pelo Estado podem ser observadas, ainda, nas palavras do próprio Christopher:

Gallien perguntou se ele tinha licença de caça. "Claro que não", desdenhou Alex. "O jeito como eu me alimento não é da conta do governo. Fodam-se as regras estúpidas deles."

Excerto retirado do livro *Into The Wild* (KRAKAUER, 1996, p.9, tradução de Pedro Maia Soares²⁸).

Podemos perceber, através dos últimos excertos, que McCandless não considerava a lei como sendo a mediadora suprema entre o certo e o errado. Ao invés disso, o jovem

²⁶With the battery dead there was no way to get the Datsun running. If he hoped to get the car back to a paved road, McCandless had no choice but to walk out and notify the authorities of his predicament. If he went to the rangers, however, they would have some irksome questions for him: Why had he ignored posted regulations and driven down the wash in the first place? Was he aware that the vehicle's registration had expired two years before and had not been renewed? Did he know that his drivers license had also expired, and the vehicle was uninsured as well. [...] McCandless could endeavor to explain that he answered to statutes of a higher order—that as a latter-day adherent of Henry David Thoreau, he took as gospel the essay “On the Duty of Civil Disobedience” and thus considered it his moral responsibility to flout the laws of the state

²⁷ Marca de automóvel americana.

²⁸Gallien asked whether he had a hunting license. “Hell, no,” Alex scoffed. “How I feed myself is none of the government's business. Fuck their stupid rules.”

escolhia rebelar-se contra as leis que achasse supérfluas, desnecessárias, burocráticas ou injustas – tais leis fariam com que o Estado se mostrasse ineficiente aos cidadãos, trazendo a estes mais prejuízos do que benefícios, situação explorada por Thoreau na seguinte passagem:

[...] Todos reconhecem o direito à revolução, ou seja, o direito de negar lealdade e de oferecer resistência ao governo sempre que se tornem grandes e insuportáveis a sua tirania e ineficiência.

Excerto retirado do ensaio *Civil Disobedience* (THOREAU, 1854, p.3, tradução nossa²⁹).

Thoreau defende, portanto, o exercício da independência política sempre que a tirania e ineficiência governamental se tornem “grandes e insuportáveis”. Tal exercício político foi adotado por McCandless e demonstrado nos primeiros acontecimentos de *Into The Wild*, quando este começa a dissociar-se da sociedade, ao adotar um nome falso, afim de não ser identificado ou localizado pelo sistema, e ao descartar quaisquer bens materiais que o prendessem, de alguma forma, à sociedade capitalista norte-americana. Sua jornada foi, portanto, uma forma de protesto contra um sistema corrupto e antinatural, do qual ele não queria fazer parte – ressignificando, dessa forma, um estilo de vida que considerava destrutivo para com seus princípios éticos e morais.

Considerações finais

Vimos, portanto, que a presença da filosofia na literatura é um fenômeno observado na maioria das obras literárias. Correntes filosóficas podem, portanto, ser identificadas tanto nas entrelinhas da narrativa – o que poderia revelar tendências filosóficas do autor –, quanto na construção de determinado personagem – desenvolvida pelo autor através das falas e ações deste.

Nesta pesquisa, identificamos e analisamos a relação entre uma corrente filosófica e uma obra biográfica – mais especificamente, examinamos o vínculo entre os aspectos da filosofia transcendentalista e a personalidade do personagem não-fictício Christopher McCandless, retratado na obra *Into The Wild*, do autor Jon Krakauer. Esta associação foi atestada através de analogias e comparações feitas entre os episódios biográficos de

²⁹[...] All men recognize the right of revolution; that is, the right to refuse allegiance to, and to resist, the government, when its tyranny or its inefficiency are great and unendurable.

McCandless e os ideais propagados nas obras integrantes do movimento transcendentalista norte-americano, dentre elas *Walden* e *Civil Disobedience*, de H. D. Thoreau, e *Nature* e *Self-Reliance*, de R. W. Emerson. Cada uma destas obras trouxe diferentes elementos transcendentais, os quais foram correlacionados com as concepções e ações de McCandless.

A correlação entre *Nature* e a obra de Krakauer se fez necessária para entendermos que a jornada de Christopher à selva do Alasca significou não apenas uma aventura em busca de um maior contato com a natureza, mas principalmente uma peregrinação solitária em busca da própria revolução espiritual. Sua trajetória, portanto, não foi um ato aleatório ou uma fuga desesperada e infundada da sociedade, mas sim uma jornada carregada de ideais filosóficos nos quais McCandless acreditava plenamente.

Self-Reliance, por sua vez, foi correlacionada às práticas individualistas de McCandless ao longo de sua jornada. Através desta correlação, concluímos que o descontentamento de McCandless com a sociedade norte-americana e com o modo como vivia era estritamente relacionado à sua não-autossuficiência perante eles. O jovem, portanto, foi impulsionado a viver conforme os próprios princípios, exercendo assim o conceito de independência defendido por Emerson.

Quanto às obras de Thoreau, *Walden* e *Civil Disobedience* se mostraram especialmente presentes nas concepções filosóficas que motivaram o jovem McCandless em muitas de suas práticas. Através da análise de *Walden*, atestamos que Christopher foi posto em contato com noções econômicas abordadas por Thoreau – as quais o encorajaram a viver de modo extremamente econômico e autossuficiente – e com concepções transcendentalistas que defendiam um modo de vida simplista e antimaterialista.

Por fim, correlacionamos a independência política defendida em *Civil Disobedience* com o sentimento de indiferença que McCandless nutria pelas leis americanas – as quais por vezes julgara injustas, burocráticas e ineficientes – e com sua defesa do pensamento crítico dos indivíduos frente ao Estado. Notamos, ainda, uma direta associação entre as transgressões de Christopher à lei – devidamente relatadas na obra de Krakauer – motivadas pela ideia transcendentalista de que o governo abusava da autoridade conferida a ele, impondo regras desnecessárias e dificultando a vida dos cidadãos.

ABSTRACT

The intention of this article is to relate the philosophical aspects transmitted by the American Transcendentalist movement to the book *Into The Wild* (1996) – by the author Jon Krakauer – and, consequently, to the life story of Christopher Johnson McCandless, a non-fictional character and protagonist of Krakauer's book. As a starting point, we will initiate a discussion about transcendental philosophy and also the major works and writers of the movement – who were responsible for the development and dissemination of this philosophy's principles – which are Ralph Waldo Emerson (1803-1882), through the essays *Nature* (1836) and *Self-Reliance* (1841) and his pupil Henry David Thoreau (1817-1862), through the works *Walden; Or, Life in The Woods* (1854) and *Civil Disobedience* (1849). Through the investigation of these works, this study aims to identify transcendentalist patterns in Christopher McCandless' actions, correlating them to varied transcendental elements developed by Emerson and Thoreau.

Key-words: Transcendentalism. Emerson. Thoreau. Into the Wild.

Referências

COSTA, Jaime. **Henry David Thoreau e os fins da vida em *Vida sem Princípios***. Braga: Universidade do Minho, 2015.

EMERSON, Ralph. **Nature**. Boston: James Munroe and Company, 1836.

EMERSON, Ralph. **Self-Reliance**. Boston: James Munroe and Company, 1841.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5ª Edição. Trad.: Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KRAKAUER, Jon. **Into The Wild**. New Work: Villard Books, 1996.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. 2a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MCCANDLESS, Carine. **The Wild Truth**. New York: Harper One, 2014.

MCCANDLESS, Carine. **About Carine**. Disponível em <http://www.carinemccandless.com/about/>. Acesso em: 13 nov. 2018.

MCNAMEE, Thomas. **Adventures of Alexander Supertramp**. New York: The New York Times, 1996.

NICHOLS, Ashton. **Emerson, Thoreau and the Transcendentalist Movement**. Chantilly: The Teaching Company, 2006.

QUICK, Timothy. **American Transcendentalism and Deep Ecology in The History of Ideas**. B.A.: University of Victoria, 1999.

ROCHA, René. **Natureza e sociedade no pensamento de thoreau: do transcendentalismo ao ambientalismo**. São Paulo: Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, 2018.

SOARES, Pedro. **Na Natureza Selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOREAU, Henry. **Walden; or, Life In The Woods.** Boston: Ticknor and Fields, 1854.

THOREAU, Henry. **Resistance to Civil Government.** Boston and New York: The Editor and G.P, 1854.

ZHUANG, Anqi. **Formats and Editions of Into The Wild.** Tokyo: Kōdansha, 2009.

Apêndices

Anexo A: Corpus referente à obra *Into The Wild (Na Natureza Selvagem)*.

McCandless poderia esforçar-se para explicar que respondia a estatutos de uma ordem superior - que, como adepto moderno de Henry David Thoreau, tinha por evangelho o ensaio "A desobediência civil" e considerava, portanto, sua responsabilidade moral zombar das leis do Estado. (p. 19)
Enterrou seu rifle Winchester de caçar cervos e algumas outras coisas que poderia um dia querer recuperar. Depois, num gesto que deixaria Thoreau e Tolstoi orgulhosos, empilhou todas as suas cédulas de dinheiro na areia - um pequenino monte patético de notas de um, cinco e vinte - e tocou fogo. Cento e vinte e três dólares em dinheiro legal foram prontamente reduzidos a cinza e fumaça. (p.19)
Chris era muito da teoria de que você não deve possuir mais do que pode carregar nas costas numa corrida repentina. (p.21)
Levaram os filhos à Europa, para esquiar em Breckenridge, num cruzeiro pelo Caribe. E Chris, reconhece Billie, "ficava envergonhado com tudo aquilo". Seu filho, o adolescente tolstoiano, acreditava que a riqueza era vergonhosa, corruptora, essencialmente má [...] (p.64)
Em 1988, ao mesmo tempo em que aprofundava seu ressentimento em relação aos pais, crescia seu sentimento de revolta diante das injustiças do mundo. Naquele verão, lembra Billie, "Chris começou a se queixar de todos os garotos ricos de Emory". Frequentava cada vez mais cursos sobre questões sociais prementes como o racismo, a fome no mundo e as desigualdades na distribuição de renda. [...] (p.67)
[...]Suas posições políticas aparentemente estranhas talvez tenham sido resumidas da melhor forma na declaração de Thoreau no começo de "A desobediência civil": "De todo o coração aceito o lema: O melhor governo é o que governa menos". (p.67)
Dois anos ele caminha pela terra. Sem telefone, sem piscina, sem animal de estimação, sem cigarros. Liberdade definitiva. Um extremista. Um viajante estético cujo lar é a estrada. Fugido de Atlanta, não retomarás, porque "o Oeste é o melhor". E agora depois de dois anos errantes chega à última e maior aventura. A batalha final para matar o ser falso interior e concluir vitoriosamente a revolução espiritual. Dez dias e noites de trens de carga e pegando carona trazem-no ao grande e branco Norte. Para não mais ser envenenado pela civilização, ele foge e caminha sozinho sobre a terra para perder-se na natureza. Alexander Supertramp Maio de 1992. (p.88)
McCandless pode ter sido tentado pelo socorro oferecido pelas mulheres, mas isso empalidecia diante da perspectiva da rude comunhão com a natureza, com o próprio cosmo. E assim ele foi atraído para o Norte, ao Alasca. (p. 77)
Gostaria de repetir o conselho que lhe dei antes: acho que você deveria realmente promover uma mudança radical em seu estilo de vida e começar a fazer corajosamente coisas em que talvez nunca tenha pensado, ou que fosse hesitante demais para tentar. Tanta gente vive em circunstâncias infelizes e, contudo, não toma a iniciativa de mudar sua situação porque está condicionada a uma vida de segurança, conformismo e conservadorismo, tudo isso que parece dar paz de espírito, mas na realidade nada é mais maléfico para o espírito aventureiro do homem que um futuro seguro. (p.34)